

Trabalho e condição humana

Odilio Alves Aguiar¹

Universidade Federal do Ceará (UFC)

odilio@ufc.br.

Francisco Jameli Oliveira Reinaldo²

Universidade Federal do Ceará (UFC)

franciscojamelioliveira@gmail.com.

Resumo: Em *A condição humana* (1958), Arendt sugere que a sua teorização sobre a categoria do trabalho emerge da crítica à glorificação da atividade na Modernidade, glorificação validada pela interpretação de Marx. Ao mesmo tempo em que formula a crítica ao que ela classifica como vitória do *animal laborans* sobre as vidas do *homo faber* e do homem de ação, procurando em *A condição humana* recuperar as potencialidades do político, Arendt tenciona um embate contra a interpretação marxiana do termo. Pensamos que na obra acima citada, uma vez que nela está em consideração a recuperação das potencialidades do político, a reflexão sobre o valor do trabalho no interior da condição humana é dificultada. No presente texto, procuramos minorar a interpretação que identifica no trabalho o ônus da condição humana, recuperando os escritos de Arendt da década de 1930, quando a pensadora reflete sobre as condições extremas em que mesmo a estatura de *animal laborans* foi negada a ela e à comunidade judaica, frente à perseguição nazista. Em certa medida, condições semelhantes podem emergir com o fenômeno da automação, em que as máquinas eliminam postos de emprego, substituindo homens por máquinas, e com a atual e radical tendência à cibernetização, que substitui não só o engenho humano, mas a própria mente humana por máquinas. Para além de uma economia categorial que leve à ação, neste texto procuramos privilegiar a relação entre trabalho, dignidade e condição humana. Por este viés indicamos a relevância das reflexões de Arendt para pensar o que estamos fazendo na atualidade.

Palavras-chave: Trabalho. Condição Humana. Arendt. Dignidade humana.

Labor and the human condition

Abstract: In *The Human Condition* (1958), Arendt suggests that her theorization on the category of labor emerges from the critique of the glorification of activity in Modernity, a glorification validated by Marx's interpretation. While formulating her critique of what she classifies as the victory of the animal laborans over the lives of the homo faber and the man of action, Arendt aims to recover the potentialities of the political in *The human condition* and engages in a confrontation against the Marxian interpretation of the term. We believe that in the afore mentioned work, since it considers the recovery of the political potentialities, the reflection on the value of labor within the human condition is hampered. In the present text, we seek to mitigate the interpretation that identifies labor as the burden of the human condition by recovering Arendt's writings from

1 Professor Titular da Universidade Federal do Ceará. Atua como professor dos Programas de Pós-graduação em Filosofia da UFC e UECE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8011131702959906>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7767-1932>

2 Professor da Seduc - CE; Doutorando em Filosofia da Universidade Federal do Ceará e membro do Grupo de Estudos em Política, Educação e Ética. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2050743294323545>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2696-0328>

the 1930s, when she reflects on the extreme conditions in which even the status of animal laborans was denied to her and the Jewish community in the face of Nazi persecution. To some extent, similar conditions may emerge with the phenomenon of automation, where machines eliminate jobs, replacing humans with machines, and with the current and radical trend towards cybernetization, which substitutes not only human ingenuity but the human mind itself with machines. Beyond a categorical economy that leads to action, in this text, we seek to privilege the relationship between labor, dignity, and the human condition. Through this lens, we highlight the relevance of Arendt's reflections for thinking about what we are doing today.

Keywords: Labor. Human Condition. Arendt. Human dignity.

Abordar a atualidade do pensamento de Hannah Arendt, desafio posto pelo XIII Encontro Hannah Arendt, leva-nos a muitas possibilidades reflexivas. Evidentemente sobressaem imediatamente as contribuições da pensadora para compreendermos o fenômeno totalitário e suas categorias correlatas, como a mentira, a propaganda política, a sociedade de massa, o mal radical, o mal banal, bem como a ação, a verdade na política, o juízo político e tantos outros conceitos. Escolhemos abordar o tema do trabalho. A razão da nossa escolha reside no fato de verificarmos que essa atividade está passando por profundas alterações e dificuldades em plena vigência do capitalismo globalizado e do neoliberalismo. Vivemos tempos de evoluídas formatações nas operações industriais de produção e de circulação das mercadorias mediadas pelas mais inovadoras tecnologias cibernéticas e isso, por si só, está destruindo postos de trabalho e colocando muita gente na miséria, na fome, na imigração, na subcidadania, no subemprego, nas sarjetas das ruas das grandes cidades, levando-as à morte ou tornando-as dependentes da caridade das pessoas ou do humanitarismo das nações. Além disso, há uma atuação organizada mundialmente no sentido da flexibilização e da retirada dos direitos dos trabalhadores, lançando-os em condições precárias do trabalho, beirando o retorno da escravidão. Essas situações são indiciárias de que há uma lógica da morte e da destruição perpassando o universo relacionado à produção e à distribuição dos ingredientes necessários à manutenção da vida, especialmente a humana.

Arendt relaciona a condição humana a três atividades fundamentais: trabalho, obra e ação. Cada uma dessas atividades está relacionada a um aspecto da condição humana³: vida, mundo e pluralidade, respectivamente. O trabalho é a atividade humana básica encarregada de reproduzir e garantir a vida. Diz ela:

Com a expressão *vita activa*, pretendo designar três atividades humanas fundamentais: trabalho, obra e ação. São fundamentais porque a cada uma delas corresponde uma das condições básicas sob as quais a vida foi dada ao homem na Terra. O trabalho é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e resultante declínio estão ligados às necessidades vitais produzidas e

³ Muitos aspectos debatidos pelos intérpretes a respeito do trabalho em Arendt ficaram de fora na nossa abordagem, exatamente por já terem sido bem examinados, por exemplo: a diferença entre natureza humana e condição humana, a questão social, entre outros.

fornecidas ao processo vital pelo trabalho. A condição humana do trabalho é a própria vida (Arendt, 2010, p. 8).

Apesar da explícita relação e importância do trabalho para a condição humana no pensamento de Arendt, essa atividade não tem recebido, em si mesma, a atenção merecida pelos intérpretes da autora. A tematização do trabalho a partir do contexto moderno, especialmente o embate com Karl Marx, foi intensamente ressaltada nas abordagens sobre o assunto em Arendt. A própria autora induz a essa direção, quando, na abertura do capítulo III, cujo título é justamente “trabalho”, afirma: “No capítulo seguinte, Karl Marx será criticado” (Arendt, 2010, p. 97). O resultado dessa ênfase foi o surgimento de uma tendência interpretativa muito disseminada em boa parte dos leitores e estudiosos do pensamento Arendtiano. É como se em Arendt a atividade do trabalho e toda sua compreensão girasse em torno de uma economia reflexiva direcionada apenas à valorização da ação política. De fato, a totalidade da sua obra enseja a recuperação da ação e da liberdade política, mas isso não anula a consideração do lugar próprio e da importância da atividade do trabalho no interior da condição humana, seu peso fundamental para o ingresso no mundo comum, na humanidade.

Dessa forma, precisamos ir além do embate com Marx e da glorificação moderna do trabalho discutidos no capítulo III da obra *A Condição Humana*. Talvez, assim, possamos acionar a dimensão positiva do trabalho, além da visão posta até mesmo por Hesíodo (Arendt, 2021, p. 94), o poeta mítico e amante das atividades rurais que concebia o trabalho como castigo de Pandora ou por certa leitura bíblica que atrela essa atividade ao pecado original. Essa perspectiva, em grande medida, é realçada nos leitores da nossa filósofa. Nesse rastro, o trabalho é “desgraça”, atividade repetitiva, necessidade imposta pela natureza, mero metabolismo entre homem e natureza, redutora do homem a ser social, simples membro passivo da espécie animal humana. Segue-se, assim, a ânsia Arendtiana de diferenciar e retirar as atividades da simbiose em que trabalho, obra e ação se encontram nas práticas e nas filosofias modernas, negligenciando o caráter relacional, de interdependência, dessas atividades. Em muitas passagens, principalmente do livro *A Condição Humana* (1958), é essa dimensão do trabalho que vem ressaltada por Arendt (Arendt, 2010, p. 104).

A respeito da articulação entre trabalho, obra e ação, Arendt se expressa, em *A condição humana*, da seguinte maneira:

[...] o *animal laborans* necessita da ajuda do *homo faber* para facilitar seu trabalho e remover sua dor, e [...] os mortais necessitam de sua ajuda [do *homo faber*] para edificar um lar sobre a Terra, os homens que agem e falam necessitam da ajuda do *homo faber* em sua capacidade suprema, isto é, da ajuda do artista, dos poetas e historiadores, dos construtores de monumentos ou escritores, porque sem eles o único produto da atividade dos homens, a estória que encenam e contam, de modo algum sobreviveria. [...] (Arendt, 2010, p. 217).

Pensar os três elementos que compõem a condição ativa do homem viabiliza, para além da economia categorial que privilegia a ação, a necessidade de buscar um equilíbrio entre essas atividades. A ausência desse equilíbrio, seja o predomínio de um dos elementos ou a extrema carência de outro, inviabiliza a afirmação da dignidade humana enquanto tal.

Nosso intento é, considerando essa inter-relação entre as atividades humanas, mirar na relação que ela estabelece entre trabalho e condição humana. Acreditamos que assim vislumbramos melhor a dimensão filosófica do trabalho na autora. Para isso foi fundamental partirmos da condição de apátrida e refugiada que Arendt vivenciou por muitos anos até se tornar uma cidadã nos Estados Unidos da América. Nesse sentido, os seus textos presentes na obra *Escritos Judaicos* (2007) são iluminadores e conjugados a outros como *Origens do Totalitarismo* (1951), *A Condição Humana* (1958), *Entre o passado e o futuro* (1961) e as palestras “Trabalho, obra e ação” (1965) e “Sobre a condição humana” (1966), estudos que viabilizam o rastreio da dimensão ativa do trabalho, ligada a um lugar na terra e no mundo, a uma postura de contribuição à sociedade e de cuidado e responsabilidade para com o mundo comum, fundamentais na compreensão do que Arendt chama de “dignidade natural” das pessoas (Arendt, 2016, p. 159).

Vale dizer, iremos ressaltar mais a dimensão de “benção” inerente à atividade do trabalho. O trabalho, nesse sentido, propicia a alegria da vida ao sustentar o ciclo vital. A harmonia do ciclo vital é algo fundamental para Arendt, pois através dele nos sentimos parte da natureza e experimentamos o sentimento feliz de estarmos vivos. Essa harmonia propicia o que Arendt chama, às vezes, de dignidade natural; e, outras vezes, de felicidade de estar vivo ou de élan vital⁴. Trata-se da primeira porta da socialização espontânea, primeiro passo para se sentir em casa no mundo. Sem esse traço de socialização, a acolhida e inserção do homem numa comunidade que o reconheça enquanto portador de direito e dignidade é dificultada. O problema fundamental desse impedimento é que, antes de ser um animal político, “o homem é um animal social, e a vida não é fácil para ele quando os liames sociais são cortados” (Arendt, 2016, p. 487). Atestam essa dificuldade todos aqueles cujo acesso ao mundo do trabalho e, com ele, as garantias e condições básicas para viver, são negligenciadas.

No Prólogo do livro *A Condição Humana*, observando criticamente a exagerada artificialização da vida moderna, Arendt faz uma interessante aproximação entre vida, terra e trabalho. A terra proporciona um habitat natural capaz de possibilitar aos humanos o movimento e a respiração sem esforço nem artifício. Da mesma forma, o empenho humano laborioso proporciona a reprodução da vida em seus aspectos naturais, nos vincula à natureza e facilita o ingresso no mundo

⁴ Em toda obra de Arendt há uma crítica ao vitalismo como critério para avaliar o conjunto das atividades humanas, mas percebemos o sentido restrito, embora positivo, de élan vital para significar a colaboração humana com a natureza, através do trabalho, para manter a harmonia do ciclo vital, bem como sua ligação com a busca de subsistir, anseio inato dos seres vivos (Arendt, 2010, p. 44; p. 123; p. 144-145).

humano. Apesar dessa íntima proximidade entre terra, trabalho e vida, Arendt identifica, desde tempos imemoriais, o desejo humano de escapar da terra, a tentativa de criar a vida artificialmente em uma utópica república liberada das “fadigas e penas” intrínsecas à atividade laboriosa. A essa postura utópica, Arendt vai associar a tendência moderna a compreender a emancipação humana não como emancipação da dominação de uns homens sobre os outros, mas como liberdade total das necessidades impostas pela natureza, emancipação do trabalho. Emancipação, nesse sentido, é vista como parar de trabalhar.

Essa não é a perspectiva da nossa autora, pois Arendt reitera o atrelamento do trabalho ao viver, “[...] anseio inato de todas as criaturas” (Arendt, 2010, p. 44). Através do trabalho, os homens espontaneamente acedem à parcela natural da condição humana. Assim como, sem trabalhar, perdem o élan vital e vagueiam na miséria ou na futilidade tediosa do tempo ocioso. A resistência humana à morte manifesta-se no trabalho, na reunião de forças por meio da companhia natural dos outros, para cultivar a terra, produzir os alimentos e realizar as suas funções nas diversas sociedades. Dessa forma, é garantida a vida humana. Por isso, é inerente ao trabalho, o descanso. Sem boas condições do trabalho, não se desfruta da alegria, a benção inerente ao trabalho, mas só a dor, fruto do esforço e da eterna repetição. Diz Arendt, a esse respeito, “uma vez que o trabalho corresponde à condição da própria vida, participa não apenas das suas fadigas e penas, mas também da felicidade com que podemos experimentar o fato de estarmos vivos” (Arendt, 2005, p. 182).

A miséria, a penúria ou até mesmo o tédio evidenciam um desequilíbrio que inviabiliza a boa relação entre trabalho e vida:

Tudo o que lança este ciclo em desequilíbrio — a miséria, onde a exaustão é seguida pela penúria; ou uma vida inteiramente sem esforço, onde o tédio toma o lugar da exaustão; e onde os moinhos da necessidade, do consumo e da digestão trituram até a morte, inclementes, um corpo humano impotente — arruína a felicidade elementar que resulta do estar vivo (Arendt, 2005, p. 182-183).

O desequilíbrio enfatizado compromete o élan vital, o impulso inato ao viver, a dimensão “sagrada” da vida.

Essa dimensão de dignidade do trabalho, sua ligação com a tendência inata ao viver e à necessidade de subsistir mostram-se tão importantes que Arendt as relaciona ao tema do “milagre” na nota 38 da seção 13, pois, sem resistir à morte através do trabalho, nenhum novo começo, nenhuma fundação política seria possível. Diferenciada na sua dignidade da obra e da ação, Arendt afirma que a “luta trabalhosa” tem uma conexão íntima com o mundo, defendendo-o contra a natureza. “Esse espírito de luta não é heroico, mas está relacionado à luta por manter limpo o mundo e evitar-lhe o declínio, essa grandeza não vem da coragem, do perigo, mas do esforço, da repetição” (Arendt, 2010, p. 124). Dessa forma, evidencia-se a importância do trabalho para que os homens acessem uma

parcela fundamental da condição humana e com ela a dignidade humana. Sem a dignidade da vida natural, a vida no seu sentido mais elevado, mundano e político, perde o sentido. Aliás, poderíamos dizer que a importância da obra e da ação reside justamente na qualificação, na humanização da vida que nunca deixa os seus vínculos com a dimensão natural, mesmo nas mais civilizadas condições não-naturais.

A *vita activa*, a dimensão discutida por Arendt na obra *A Condição Humana*, enfatizando, compõe-se das atividades do trabalho, da obra ou fabricação e da ação⁵. O trabalho produz coisas para serem consumidas ou realiza atividades de cuidado das pessoas ou do mundo. Seus produtos não são duráveis. Típicos do trabalho são o esforço e a repetição. Por meio da obra ou da fabricação, os homens produzem coisas e objetos duráveis e artificiais. A durabilidade e a utilidade são características fundamentais da obra ou fabricação. O resultado dessa atividade é o mundo em sua dimensão tangível. Na ação, os homens constroem o mundo comum, fundam instituições, relacionam-se uns com os outros mediados pela palavra, estabelecem leis e o universo cultural. Através da ação, a pluralidade emerge como característica fundamental da condição humana. Enfim, na dimensão ativa da condição humana, o trabalho inclusive, o mundo se estabelece como fruto da postura espontaneamente ativa e transformadora dos homens. Nessas atividades, os homens desenvolvem a capacidade de viver, criar o mundo e estabelecer os padrões civilizatórios protetores da pluralidade humana. Em todas as atividades há uma dimensão de labor: o esforço, o foco; e em todo labor, a pluralidade humana, de alguma forma, se prenuncia. Ninguém vive ou trabalha na mais completa solidão.

Qualquer tentativa de estabelecer modos de vida que cancelem ou dificultem o acesso à vida, ao mundo comum e à pluralidade humana indicam alienação em relação à comunidade humana e impõe a resistência. Arendt, como judia, sentiu na própria pele a dificuldade de inclusão na condição humana em razão dos impedimentos para morar, trabalhar e viver no lugar em que nasceu, no caso, na Alemanha e na Europa. Esse contexto biográfico é fundamental para perscrutarmos a dimensão teórico-prática da categoria do trabalho na autora. O trabalho é a primeira atividade proibida ao pária. Textos anteriores à *Condição Humana*, mais ligados ao momento apátrida da autora, iluminam a compreensão prévia da categoria trabalho e nos ajudam a reconstruir a visão Arendtiana do trabalho. Nos *Escritos Judaicos* (2016) e em *Origens do Totalitarismo* (1990), colhemos importantes elementos que nos ajudam a perceber a importância do trabalho para a condição humana. Através

⁵ A *vita contemplativa* ou parcela reflexiva da condição humana foi desenvolvida por Arendt parcialmente na obra *A Vida do Espírito* (1978). Nela comparecem o pensar, o julgar e o querer. A sua morte inviabilizou a conclusão da tarefa. Mesmo assim, importantes anotações da autora, hoje publicadas, permitem investigar suas importantes teorizações sobre o assunto.

dessa atividade ficam ressaltadas a sua capacidade de vincular os homens à natureza e a demarcar sua pertença ao mundo e aos outros homens. No texto “Nós, refugiados” (1943), escreve:

Perdemos nosso lar, o que significa a familiaridade da vida cotidiana. Perdemos nossa ocupação, o que significa a confiança de que temos alguma utilidade neste mundo. Perdemos nossa língua, o que significa a naturalidade das reações, a simplicidade dos gestos e expressão espontânea dos sentimentos (Arendt, 2016, p. 478).

Nos textos da década de 1930, Arendt já mostra uma aguda consciência da importância da inserção no mundo do trabalho para os judeus que estão passando pela desnaturalização e pela desassimilação nos países europeus. Pairava, entre os judeus, uma compreensão individualista, não política, da questão judaica. O posicionamento num trabalho, afirma Arendt, oferecia, naquele momento, uma orientação no mundo, abria caminho para a realidade, para manutenção de alguma identidade (Arendt, 2016, p. 142). Sem vínculo, sem uma comunidade, sem uma tradição, sem espaço para a comunicação espontânea, tem-se que ser original a todo instante, tornando insuportável a arte de existir e de comunicar a própria existência, de se apresentar aos outros. Perde-se o endosso da própria realidade, a possibilidade de ser visto e ouvido (Arendt, 2016, p. 144-145). Nessa situação, os jovens judeus vagavam sem objetivos nas ruas, insociáveis, envergonhados dos seus infortúnios e dos seus ancestrais. Aprender agricultura, meio para inserção na vida comunitária na Palestina, apresentava-se como solução para a errância e mendicância servil. Por meio do trabalho, diz Arendt, recuperava-se a dignidade natural (Arendt, 2016, p. 159).

Essa tendência de associar trabalho, dignidade e condição humana consolida-se e se inflete em *Origens do Totalitarismo* (1990), especialmente na parte sobre o “Declínio do Estado-nação e o fim dos direitos dos homens”, em que aparece a crítica aos direitos humanos, a defesa do direito de residir e trabalhar, a menção ao direito a ter direitos associada à possibilidade de ocupar um lugar peculiar no mundo. Essas são as condições, sem as quais os indivíduos deixam de pertencer à humanidade. Sem esses laços, ficam desamparados e suscetíveis à morte, psicológica e física. A atividade do trabalho será compreendida não só como um direito fundamental, mas, também, como uma “responsabilidade humana comum” (Arendt, 1990, p. 334). Sem a mediação dessas condições, o retrocesso civilizatório instala-se. Fora da condição humana, as pessoas tornam-se fantasmas e são devolvidas, em plena civilização, à sua elementaridade natural “[...] essa perda coincide com o instante em que a pessoa se torna um ser humano em geral – sem uma profissão, sem uma cidadania, sem uma opinião ...” (Arendt, 1990, p. 336).

Essa consideração positiva do trabalho e sua importância para a dignidade humana, porém, torna-se problemática na medida em que os critérios de avaliação do trabalho, especialmente a capacidade de manter a vida da espécie, o consumo e a massificação das pessoas transformaram-se em medida universal de avaliação de todas as atividades humanas, práticas e teóricas. Nesse caso,

estamos diante da vitória total do *animal laborans*. No seu último estágio, a atual sociedade, diz Arendt,

requer de seus membros um funcionamento puramente automático, como se a vida individual realmente houvesse sido submersa no processo vital global da espécie e a única decisão ativa exigida do indivíduo fosse deixar-se levar, por assim dizer, abandonar a sua individualidade, as dores e as penas de viver ainda sentidas individualmente, e aquiescer a um tipo funcional, entorpecido e “tranquilizado” de comportamento (Arendt, 2010, p. 403).

Nesse sentido, a vitória do *animal laborans* inviabiliza a dignidade humana, o desenvolvimento multilateral das capacidades humanas e promove a alienação humana em relação ao mundo e às pessoas. Sob a égide do *animal laborans*, todas atividades passaram a ter a mesma função de reproduzir, aperfeiçoar e manter os procedimentos técnicos e laborativos. Nessa fase, o conjunto das atividades humanas, inclusive o trabalho, decai em processos que se utilizam dos humanos. O encontro entre a economia e a industrialização, o trabalho e a tecnologia, produziu a universalização dos artifícios laborativos e retirou a dimensão ativa do trabalho. Na vitória do *animal laborans*, o ser que resulta dessa vitória não é o homem que trabalha para viver e dar sua contribuição à sociedade, mas um ser vivo engolfado nas metodologias técnico-econômicas, um ser completamente dominado. O resultado do encontro entre labor, tecnologia e capital será o “homem de Heisenberg”, o sujeito tecnológico contemporâneo, sem mundo, sem relações objetais, autorreferido, “material humano” governável e manipulável, assim como a tecnologia passa a ser mero “desdobramento biológico da humanidade” (Arendt, 2010, p. 190).

A laborização, a indistinção das atividades humanas, é filha da revolução industrial, do processo de automação das atividades do trabalho e da fabricação. Esse processo tem provocado tendencialmente a substituição da força humana pelas máquinas. Em tal substituição transparece o risco de classes inteiras tornarem-se economicamente supérfluas; e o problema, além das “soluções totalitárias” (Arendt, 1990, p. 511) para essas classes, é a perspectiva de uma sociedade emancipada do trabalho, mas sem as atividades “superiores e mais significativas em vista das quais essa liberdade mereceria ser conquistada” (Arendt, 2010, p. 5-6). Por outras palavras, a automação, a simbiose entre homem e máquina, prenuncia uma ruptura radical na condição humana. No prólogo da obra homônima, ao lado da preocupação com fuga da Terra, “a quintessência da condição humana” (Arendt, 2010, p. 2), com a corrida espacial, Arendt indica outra alienação igualmente radical que poderia advir com o fenômeno da automação: a sociedade de trabalhadores está para ser liberada dos grilhões do trabalho, “o que se nos depara, portanto, é a perspectiva de uma sociedade de trabalhadores sem trabalho, isto é, sem a única atividade que lhes resta. Certamente nada poderia ser pior” (Arendt, 2010, p. 6).

Não obstante, com a automação, de alguma forma, o ciclo vital foi preservado, apesar de ter sua harmonia comprometida, segundo Arendt. Sob a automação, as pessoas se mantiveram trabalhando, mesmo com o trabalho facilitado em função das máquinas. O comprometimento aconteceu mais em setores cuja submissão humana aos processos tecnológicos geraram o “homem de Heisenberg”. A complicação se torna maior com o surgimento de uma outra tendência, quando um outro padrão se instala nos processos industriais, trata-se da cibernetização do trabalho, como está descrito na palestra-texto “Sobre a condição humana” (1966).

Na cibernetização, o que a tecnologia vai substituir não é a força humana, como na automação industrial, mas a mente, a capacidade de processar informações, a atividade mental. Nesse caso, o resultado não é só a passividade e a indiferença do homem de massa, mas a ruptura com a condição humana. A cibernetização gerou uma conjuntura trágica. A harmonia do ciclo vital será posta à prova por uma espécie de fim da atividade do trabalho. Esse novo paradigma do trabalho produziu uma situação avassaladora para a condição humana. Ao gerar o tempo vago (*vacant time*) ou tempo ocioso (*idle time*) passamos a conviver com uma situação que os homens não têm condição de se adaptar.

Segundo Arendt, o ser humano adapta-se a qualquer condição, menos ao simples nada, e a vigência do tempo vago cria uma situação do tempo nada, completamente inadaptável aos humanos, pois quebra profundamente a harmonia do ciclo vital, rompendo-se, assim, o elo da cadeia que torna possível a dignidade humana, a vontade de viver, de trabalhar, de produzir e agir. A égide do tempo vago não é o tempo do “*dolce far niente*”, um tempo de relaxamento e descanso, após um bom tempo dedicado ao trabalho; nem o tempo livre (*free time*), o *scholé*, o ócio produtivo dos gregos antigos, dedicado às coisas da *Polis*. Ao invés de gerar o florescimento das diversas capacidades humanas, o tempo vago propicia o florescimento da alienação, facilita a quebra das barreiras entre natureza e mundo, civilização e barbárie.

Enfim, se na vitória do *animal laborans*, sob a hegemonia do Capital e da tecnologia, passamos a ter uma sociedade cujo protagonismo não é dos homens, mas dos processos maquínico-tecnológicos, portadores de movimentos autopropelidos, na cibernetização os desafios à condição humana têm passado por circunstâncias trágicas: a exasperação do consumo e a destruição da natureza, o alastramento do tédio e da solidão, a precarização do trabalho, o desemprego, o ódio à diversidade humana e, principalmente, a virtualização das interações humanas. Trata-se de uma situação inviável à estatura humana, ao desenvolvimento das suas capacidades, especialmente sua adaptabilidade, pois, como uma avalanche, é profundamente destruidora de toda e qualquer contenção civilizatória.

A cibernetização prenuncia a necessidade de reavaliar todas as categorias que compõem a condição humana, especialmente o trabalho. Até mesmo o *animal laborans*, quando considerado à

luz do fenômeno da cibernetização, assume outra estatura, menos nefasta. Mesmo nele, tomado na economia categorial d'A *Condição Humana* apenas como uma das espécies que povoam a terra, “na melhor das hipóteses, a mais desenvolvida” (Arendt, 2010, p. 104), é preservada, em alguma medida, mesmo que mínima, a marca indelével da humanidade, empecilho, não para resistir ao totalitarismo, fenômeno que Arendt mobilizou teórica e praticamente todas as forças para combater, mas para torná-lo imediatamente descartável. Em condições extremas e, por isso mesmo, raras, nas grandes catástrofes em que o problema das massas economicamente supérfluas e socialmente sem raízes tornam as soluções totalitárias tentadoras (Arendt, 1990, p. 511), é preciso mais que um *animal laborans* para resistir a tais soluções. Com a cibernetização dos modos de vida, tendencialmente, o *animal laborans* enquanto tal, o ser docilizado que não oferece nenhuma resistência às ambições totalitárias, e até contribui com elas, também corre risco de ser eliminado. A cibernetização, por outras palavras, tem potencial de tornar o gênero humano, enquanto tal, descartável. Isso não significa dizer que Arendt conceda ao *animal laborans* a possibilidade de recuperar as potencialidades do homem via trabalho. Significa, por outro lado, que a cibernetização, ao tencionar substituir não apenas o engenho humano pelas máquinas, mas a *mente* humana, anuncia possibilidades assustadoras, mais até que as antecipadas com a vitória do *animal laborans*.

Apesar disso, e considerando os eventos políticos do século XX, não podemos ceder à tentação de esperar pelo pior. A cibernetização, até o momento, não se traduziu em evento político catastrófico, tal como o totalitarismo, mas indica, a nível de prognóstico, possibilidades que devem ser levadas em consideração. Quanto ao tema do trabalho e à nova estatura que ele tem potencial de adquirir com a cibernetização, enfatiza Arendt:

[...] os gregos acreditavam – e muitos de nós acreditam – que não é suficiente trabalhar para viver e viver para trabalhar. Contudo, por mais que prezemos os gregos – e eu certamente os prezo muito –, a maior parte da humanidade tem vivido no ciclo de sobrevivência que ofereceu satisfação, obtendo como recompensa ver os filhos, e depois os netos, crescerem até a maturidade. No ciclo vital das coisas simples, a maioria dos homens ganhou sua recompensa e enxergou seu propósito.

Agora, de repente, deveremos ser privados desse ciclo da vida. Não os poucos homens cujas ambições sempre miraram mais do que a sobrevivência, mas aqueles que estavam contentes e encontraram alguma dignidade em suas tarefas serão privados dessa dignidade (Arendt, 2021, p. 373).

No prólogo d'A *condição Humana*, concomitantemente, em *Entre o passado e o futuro*, na parte final de *Origens do Totalitarismo*, ou no texto de 1966 sobre a cibernetização, permanece, em modulações diferentes, o mesmo questionamento: o que seria de uma sociedade cuja glorificação extrema do trabalho inviabiliza o reconhecimento da dignidade do *homo faber* e do homem de ação se fôssemos liberados dos grilhões do trabalho? Mais uma vez, seguindo Arendt, “nada poderia ser pior”.

Evidentemente, a cibernetização, como a automação, são movimentos tendenciais, mas, dentro dessas tendências ainda comparecem a necessidade e a importância do trabalho, apesar das dificuldades e barreiras. Naturalmente essa posição de Hannah Arendt merece uma avaliação crítica, uma confrontação com as posições que avaliam favoravelmente todas as direções provenientes dos novos padrões tecnológicos e industriais. Esse exame crítico foge ao escopo do presente artigo. No entanto, mesmo nos circunscrevendo a uma leitura interna às obras de Arendt, fica evidente que essas pressões e inclinações desse novo paradigma transformaram-se em grandes desafios diante dos quais talvez possamos obter alguma conquista por meio do pensamento e da ação, pois ambos têm o poder de barrar os movimentos destrutivos, mortais, e de iniciar e fundar algo novo, sustentador da vida em suas diversas dimensões.

Referências

AGUIAR, O. A. Condición Humana. In: PORCEL, B.; MARTIN, L. (org.). **Vocabulário Arendt**. Rosário-Argentina: Homo Sapiens Ediciones. 2016, p. 29-44.

AGUIAR, O. A. **O direito, o comum e a condição humana no pensamento de Hannah Arendt**. *Revista de Filosofia da Unisinos*, São Leopoldo, v. 20, n. 3, p. 278-284, set./dez., 2019.

ALVES NETO, R. R. **Alienações do Mundo** - Uma Interpretação da Obra de Hannah Arendt. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

ALVES NETO, R. R. **Obras, feitos e palavras**: o caráter não-natural da condição humana. *Argumentos - Revista de Filosofia*, ano 5, n. 9, p. 97-119, 2013.

ARENDT, H. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo. Revisão técnica e apresentação de Adriano Correia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ARENDT, H. **Escritos Judaicos**. Tradução de Laura Mascaro et al. Barueri: Amarelis, 2016.

ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ARENDT, H. A grande tradição. In: **Pensar sem corrimão**. KOHN, J. (org.). Tradução Beatriz Andreiuolo et al. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, p. 371-376.

ARENDT, H. Sobre a condição humana. In: **Pensar sem corrimão**. KOHN, J. (org.). Tradução Beatriz Andreiuolo et al. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, p. 371-376.

ARENDT, H. **Trabalho, obra e ação**. Tradução de Adriano Correia e revisão de Theresa Calvet. *Cadernos de Ética e Filosofia Política da USP*, v. 2, n. 7, p. 175-201, 2005.

CORREIA, A. **Liberalismo versus política**: análise da prevalência moderna do econômico em Michel Foucault e Hannah Arendt. *Princípios*, v. 19, p. 135-151, 2012.

MAGALHÃES, T. C. de. **A atividade humana do trabalho [Labor] em Hannah Arendt.** *Revista Ensaio*, São Paulo, n. 14, p. 131-168, 1985.

WAGNER, E. S. **Hannah Arendt e Karl Marx: o mundo do trabalho.** 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

Recebido em: 10/04/2024

Aprovado em: 27/05/2024